



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
<http://www.cecs.uminho.pt>

As Ciências Sociais e a Política Científica*

Moisés de Lemos Martins

Professor Catedrático

moisesm@ics.uminho.pt

Universidade do Minho
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Portugal

2004

* Intervenção apresentada na abertura do V.º Congresso Português da Associação Portuguesa de Sociologia, realizado por esta Associação na Universidade do Minho, de 12 a 15 de Maio de 2004, a ser publicada nas Actas. Participaram nesta sessão, além de Moisés de Lemos Martins (Presidente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho), o Presidente da República, o Reitor da Universidade do Minho, o Governador Civil do Distrito de Braga, a Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia e o Presidente da Associação Espanhola de Sociologia.

Resumo

Defende-se a ideia de que as Ciências Sociais não podem ser desqualificadas como ciências não prioritárias e não estratégicas, e o desafio tecnológico a que o país deve responder não pode esgotar-se no entendimento instrumental e maquínico da tecnologia. Quando se imagina “promover o Ensino da Ciência e a Cultura Científica” em Portugal, sem incluir nesta promoção do ensino e da cultura superiores as Ciências Sociais, e dentro destas, o ensino e a cultura da Sociologia, está-se a adoptar uma ideia de ciência sem memória, sem responsabilidade e sem consciência, uma ideia de ciência, enfim, sem a complexidade do humano.

Palavras-chave: Ciências Sociais, Sociologia, desenvolvimento, política científica, política académica, investigação científica, Universidade.

Senhor Presidente da República

Senhor Reitor da Universidade do Minho

Senhora Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia

Caros Congressistas

Senhoras e Senhores

É uma alegria pessoal e institucional, uma alegria imensa, receber na Universidade do Minho o Congresso Português de Sociologia, que é a realização pública mais expressiva da maior associação científica nacional das Ciências Sociais. O dinamismo e o entusiasmo desta comunidade científica, jovem, viva, actuante e de muitas provas dadas, fazem antever um grande êxito para este Congresso. E deixar-me-á particularmente feliz que assim possa acontecer.

Ao dirigir-me a uma tão vasta assembleia, na qualidade de Presidente de uma escola de Ciências Sociais, não posso, todavia, deixar de vos dizer com que coração aflito o faço, tamanho sobressalto é o meu. O território da ciência está a ser invadido, em Portugal, por uma razão instrumental e produtivista, que reconduz a uma nova idade das trevas as Ciências Sociais, e de entre estas a Sociologia.

Depois da aturada gestação de cerca de trinta anos, tantos anos quantos os da Revolução de Abril, as Ciências Sociais, que finalmente haviam recuperado em Portugal o lugar de cidadania a que tinham direito no convívio das ciências, vivem hoje tempos sombrios que fazem adivinhar o pior.

Está em curso, vemo-lo no *site* do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, uma revolução na ciência, em que “a investigação, o desenvolvimento tecnológico, a qualificação dos recursos humanos e a inovação” são “os pilares essenciais para o crescimento económico e o desenvolvimento integrado e sustentável de Portugal”. Simplesmente, esta revolução do “sistema científico, tecnológico e de inovação” é hoje no país uma revolução sem cravos.

Vem também no *site* do Ministério da Ciência e do Ensino Superior que o Governo está disposto a “aumentar o investimento público em I&D”; a “promover o ambiente facilitador para o investimento privado em I&D”; a “aumentar os recursos humanos qualificados nas ciências e tecnologias”; a “promover o emprego científico”. Simplesmente, as Ciências Sociais são desqualificadas como ciências não prioritárias e não estratégicas, e o desafio tecnológico a que o país deve responder esgota-se no entendimento instrumental e maquínico da tecnologia.

Verdadeiramente assombradas por uma força que nunca interrogam nem desejam ver interrogada, as políticas do país elevam ao céu as ciências operativas e produtivistas e lançam no inferno as Ciências Sociais, como se em Portugal “o crescimento económico e o desenvolvimento integrado e sustentável” precisassem verdadeiramente apenas das primeiras, podendo dispensar as segundas como um luxo desnecessário e dispendioso demais para um país em crise.

Não é nada, no entanto, que nós já não tenhamos visto no passado remoto, e também em passado mais recente. Os positivismos do passado, assim como os positivismos do presente, sempre fizeram de uma ciência sem memória, sem responsabilidade e sem consciência, de uma ciência, enfim, sem a complexidade do humano, a argamassa sobre que ergueram os seus impérios.

Mas o que é que na realidade significa “promover o Ensino da Ciência e a Cultura Científica” em Portugal, sem incluir nesta promoção do ensino e da cultura superiores as Ciências Sociais, e dentro destas, o ensino e a cultura da Sociologia? Como é que agindo desta forma se está a concorrer “para o desenvolvimento de Portugal e da sua posição na Europa e no Mundo”?

Revolução? Sim, talvez, mas sem dúvida nenhuma, revolução sem cravos. Por razões político-ideológicas, a “revolução nacional” salazarista decretou no passado a exclusão das Ciências Sociais do convívio científico e da vida nacional. Será possível o país aprovar hoje idêntica exclusão da Ciências Sociais, em nome de uma ideologia utilitarista, produtivista e mercantilista?

Senhor Presidente da República, Senhoras e Senhores, quando uma ideia de Ciência e de Tecnologia sem sonho, sem imaginário, sem cultura, enfim sem a complexidade do humano, vai num galope imparável, atirando as Ciências Sociais pela borda fora das nossas Universidades e dos programas de apoio à investigação, é mais urgente do que nunca falarmos do sonho destas ciências. Digo “falarmos do sonho”, e não digo pequena coisa, uma vez que o real, todo o real, começa por ser um sonho na cultura, e só depois se torna uma concretização cultural.

Na era da economia-mundo, parece impor-se, de dia para dia, a ideia de que não há mais mundo para lá das alianças, das solidariedades e da coesão que se erguem pela força da Economia, pelo dinamismo dos mercados, pelos compromissos políticos e pelo cosmopolitismo técnico-científico.

Gostaria, no entanto, de acentuar a ideia de que os mercados e a economia, sendo sobretudo lugares de competição e de concorrência, estão longe de constituírem um modelo de desenvolvimento harmonioso, de solidariedade humana e de coesão social.

Nesta era de imparável globalização da Economia e dos mercados, pela potência da tecnologia, penso que faz todo o sentido a heresia de invertermos um clássico aforismo de Marx, para darmos força à ideia de que as verdadeiras infra-estruturas da sociedade são “cosa mentale”, são coisa sonhada, coisa imaginada, e não propriamente estruturas económicas, mercados e tecnologias.

Entendo, com efeito, que não se pode construir sobre coisas mortas uma comunidade viva, solidária e coesa. Não foi pelo facto de um dia a Europa, por exemplo, se imaginar de carvão e de aço, e mais recentemente de muitos quilómetros de asfalto, e ainda de Air Bus e de TGV, e de muitas e muitas outras tecnologias, que ela se está a constituir como comunidade. A Europa só poderá fazer-se como comunidade na base do seu imaginário plural, quero dizer, na base das suas diversas culturas.

E a mesma coisa ocorre com Portugal. O sonho, a coisa imaginada, enfim, a cultura, que é a alma dos povos e das nações, não pode desertar nunca da ideia de ciência e de tecnologia. As ciências sociais, as artes e as humanidades em geral não podem, pois, ser remetidas, como o estão a ser, programadamente, para fora da política

do país e para fora da política das Universidades. Elas são parte inteira no convívio das ciências. E são igualmente parte inteira no desenvolvimento do país.

Diante do entusiasmo desta jovem mas extensa e extraordinária comunidade científica de Sociologia, não posso deixar de estar com o coração aflito, dizia-o na abertura desta comunicação, e repito-o agora. Sobressalta-me ver as necessidades de crescimento do país acomodarem-se a respostas de carácter exclusivamente tecno-instrumental. Assim como me sobressalta ver encher-se a boca, por todo o lado, com as palavras de ordem de uma cultura da qualidade e da excelência. Porque se exige que toda a qualidade e que toda a excelência sejam de utilidade. Porque se exige que toda a qualidade e que toda a excelência sirvam os desígnios de uma razão pragmática, uma razão que só justifica aquilo que é eficaz, aquilo que é uma promessa de sucesso, sendo todo o sucesso ganhar, e ganhar sempre.

E não me sobressalta menos, finalmente, ver as políticas académicas sem pensamento, reduzidas a meras estratégias de gestão, com a Universidade de cócoras, em adejo vão de pássaro desplumado, sem outra ideia que não sejam alunos, “ratios”, metros quadrados, listas de pessoal, equipamentos, orçamentos, emprego, diplomas e aulas.

Senhor Presidente da República, Senhoras e Senhores, ainda uma última palavra. Perante esta magnífica assembleia, retomo um inspirado apelo de Natália Correia, que gostaria de dirigir com particular ênfase àqueles que no Terreiro do Paço e nas Universidades têm o pesado encargo de fixar e executar as políticas da ciência e do ensino superior: “Ó subalimentados do sonho! A poesia é para comer”.